

Periferia da cidade de São Paulo aos olhos dos jovens educadores

Natalia Francisca da Silva

O protagonismo dos jovens nas grandes periferias de São Paulo é o principal motivo para que projetos envolvendo educação sejam criados. Parte do cotidiano de qualquer pessoa, estabelecer relações entre educação e comunicação é o que tange a visibilidade de locais e cidadãos que, antes, sequer tinham essa ferramenta de reexistência – resistir aos preconceitos, faltas de oportunidade e visibilidade para existir na sociedade. Porém, é preciso olhar para o cenário atual e o grande bombardeamento de informações produzidas principalmente pelas mídias sociais. É algo que venho me questionando, pois me considerando fluente digital (pessoa que compreende o funcionamento das mídias) e *heavy user* (palavra em inglês utilizada para classificar pessoas que utilizando, diariamente, mídias sociais), como, no momento atual do país, e pensando a relação com a educação, as mídias sociais podem ser aliadas no desenvolvimento social e da cidadania de jovens através da educação? E mais: é possível promover um ambiente educacional preciso fazendo uso das

comunicações e, assim, mudar o cenário tanto jornalístico quanto sociopolítico que vivemos no país? Soares (2000) aponta os espaços demarcados com “funções” distintas quando falamos de comunicação e educação. Este último, construindo saberes e a comunicação, difundindo informações, em grande parte associada ao lazer e ao consumo instigado pela publicidade.

Irei utilizar como exemplo uma prática que fiz em sala de aula, como voluntária, utilizando sistema de metodologia de projetos, com alunos de 12 a 14 anos. Tínhamos notícias cortadas feito quebra-cabeças: em partes. Eles teriam que ler e montar a notícia conforme contextualização de forma que fizesse sentido e, ao final, criaram as manchetes que deduziram que combinavam com o assunto abordado. Parece uma atividade sem um objetivo notório, mas diante dessa leitura, surgiram diálogos sobre as notícias (as mais variadas: política, educação, transporte, quadrinhos) e debates entre adolescentes que ainda não têm o direito do voto, mas que já querem demonstrar seu protagonismo sociopolítico: questionando e buscando melhorias para o seu ambiente escolar e familiar.

Pimenta (2005) diz que esse bombardeamento de ideias e notícias não é um problema exclusivo do conhecimento do mundo no dia-a-dia, mas também do conhecimento de tudo que é humano e, inclusive, do próprio conhecimento científico. Está em todo lugar e compreender o pensamento de tantos meios e porque se dá tantas informações, é uma tarefa necessária. Como disse Paulo Freire (2001), “a educação é a comunicação, é diálogo”. É necessário dialogar, expor opiniões de forma saudável para compreender quais passos a sociedade pode dar para frente, em prol do protagonismo social, principalmente se tratando dos jovens, que são os futuros profissionais em grandes empresas de mídia, indústria etc.

Conhecendo projetos e os colocando como meu objeto de pesquisa, posso citar alguns que fazem trabalhos relacionados à Educomunicação com relação ao ativismo social-cultural-econômico de jovens da periferia, como o caso do Você Repórter da Periferia do projeto Desenrola e Não Me Enrola. Por que jovens de extremos da cidade são alvos deste tipo de proposta? O constante contato com dificuldades que uma região periférica tem - falo por mim, que venho de São Miguel Paulista, extremo leste de São Paulo - dá margem a diversas discussões

envolvendo todos os campos sociais, culturais da região, economia e, por que não, política. Há diversos projetos atrelados a este tipo de desenvolvimento de consciência do jovem. Mas, voltando ao VRDP, localizado no bairro Jardim Ângela, zona sul, no Centro de Mídia M'Boi Mirim, é um belo exemplo de que podemos mudar realidades começando pela tomada de consciência e "mão na massa" de projetos Educomunicacionais.

Branco e Kalhil (2015) entendem a Educomunicação enquanto processo colaborativo entre as partes, a partir do interesse dos envolvidos - no caso de nossos personagens, os educadores e jovens - sobre temas e meios, de forma que possa contribuir socialmente na formação de um cidadão mais crítico - consciente de seu espaço e papel na sociedade -, que pense no seu mundo, pelo prisma do questionamento contextualizado e não com o olhar unilateral midiático. As autoras também concluem que é ir além da comunicação como ferramenta, a Educação e Comunicação, juntas, se complementam e acabam tornando-se uma única ferramenta. A partir disso, temos a necessidade de fundir conhecimentos e trabalhá-los em sala de aula, a fim de reconhecer o potencial dos estudantes quando envolvidos em educação.

Há uma metodologia específica para a educação que visa: 1) educar para a mídia, desenvolver o olhar crítico sobre o conteúdo proposto pela mídia e preparar para receber informações - podemos citar como exemplo as tão faladas atualmente *fake news*, educando e auxiliando no desenvolvimento de crítica, é possível evitar o compartilhamento irracional de notícias falsas, sendo que maioria das pessoas sequer faz a checagem de fatos. 2) educar pela mídia: utilizar os meios de comunicação como subsídio para uma nova forma de abordagem do conteúdo em sala de aula. 3) educar com a mídia: produzir conteúdo, criar sua própria mídia, ser capaz de articular conceitos e temas, gerando conhecimento para si e para os outros (EDUCOMUNICAÇÃO, 2010). Com isso, projetos envolvendo educação têm observado mudança no olhar dos jovens em relação aos seus próprios bairro. Em conversa para este paper, Thais Siqueira, jornalista e uma das idealizadoras do projeto Você Repórter da Periferia, disse que os jovens passam a compreender que no local onde vivem - a maior parte, periferia de São Paulo - não existe só violência: existem muitas ações socioculturais acontecendo.

Esse raciocínio lembra o que Soares (2000) disse a respeito de que a escola é tida como espaço delimitado e, quando saímos de seus muros, ganhamos a demarcação da comunidade ou ainda de cidade, com discurso fechado e autoritário regido pelas normas e poderes nacionais. No que se remete à comunicação de massa, ela é tida como um espaço para todos, sem demarcações, seu discurso procura o inusitado, refletindo outras formas mais globais de poder. E muitos desses jovens que têm essa tomada de consciência em relação às suas realidades, acabam migrando para áreas de comunicação ou simplesmente encontram caminhos em outras áreas, dando maior esperança para que seus futuros sejam melhores. O jornalismo comunitário tem esse intuito: dar voz a quem, muitas vezes, não tem. Desenvolver a cidadania e a participação de quem pode ter sido esquecido pelas autoridades. Exemplos como o jornal 'Voz da Comunidade', do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro é um 'case' citado sempre quando se trata de jornalismo comunitário e de comunicação comunitária.

Aliada às novas tecnologias, como o uso do celular, computador e ferramentas de streaming, a comunicação tem sido ferramenta útil para passar conhecimento que chamo de extra sala de sala: quando o estudante pode continuar estudando utilizando essas tecnologias sem estar em sala de aula. Muitas plataformas de cursos EAD (educação a distância) vêm surgindo como alternativa para quem quer se especializar, se aprofundar em determinada linha de conhecimento ou simplesmente por curiosidade como os chamados "edutubers", que são professores que decidiram utilizar o canal de compartilhamento de vídeos *Youtube* para disseminar conhecimento gratuito para uma gama de pessoas que busca informações na web. Principalmente os jovens, que, segundo pesquisa realizada pela TIC Kids¹, em 2016, 83% dos jovens menores de 18 anos utilizam o celular quase o tempo todo. E é aliando tantas ferramentas tecnoló-

1 Pesquisa realizada pelo Comitê Gestor da Internet No Brasil (GCI.BR), Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.BR) e Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC.BR). Disponível em https://cetic.br/media/analises/tic_kids_online_brasil_2016_coletiva_de_imprensa.pdf

gicas com a educação e a comunicação que vemos um grande avanço na propagação da educomunicação.

Por isso é importante mostrarmos exemplos como o do Você Repórter da Periferia. O programa de formação, como mostrado pela idealizadora e estudado para esse *paper*, contribui com a formação da juventude periférica. Por meio das ferramentas do jornalismo, o projeto utiliza de duas fases: teoria e prática para poder estimular a compreensão do valor das relações humanas - independente da região - e rompimento de barreiras geográficas e sociais para, assim, fomentar o reconhecimento da identidade cultural e formar jovens a partir das ferramentas da comunicação para o desenvolvimento do senso crítico e cidadã. É possível também afirmar que tais estímulos contribuem não só para os jovens, mas com a comunidade em sua totalidade, pois assim, com essa influência da juventude, é possível ampliar projetos e discussões por toda a região em que estão inseridos, começando sempre pela escola.

Outro exemplo que podemos citar é o projeto realizado pela Fundação Tide Setubal no bairro de São Miguel Paulista, zona leste de São Paulo, pelo Núcleo de Comunicação Comunitária São Miguel no Ar. Intitulado “Educomunicação em movimento”, o projeto possui um livro com todas as informações sobre o que tange a comunicação comunitária, benefícios, educomunicação atrelada à cidadania construída em bairros periféricos e importância da promoção da comunicação na vida escolar de jovens residentes no bairro. O documento (2012) afirma que “aprender a escutar opiniões divergentes em reuniões de pauta, saber entrevistar um convidado no programa da Rádio de Rua, divulgar no blog da escola os serviços oferecidos à comunidade, produzir uma matéria para o jornal são atividades que permitem aos participantes aprimorar a qualidade da leitura, da escrita e da expressão das ideias, ampliar sua visão de mundo. Tudo isso resulta em ganhos de valor inestimável para cada um dos envolvidos: pais, mães, professores, alunos e educadores sociais. O exercício da cidadania é, portanto, aprendido na ludicidade envolvida nas atividades de comunicação realizadas”. Firmando compromisso com escolas, comunidade, pais e alunos, e instituições comprovadamente ativas e presentes nestes bairros, é possível constituir, através da educomunicação, uma realidade mais

cidadã que se espalha para outras localidades, além do desenvolvimento intelectual de quem participa.

Esse tipo de trabalho não possui, em sua maioria, apoio além daqueles que estão realmente envolvidos, ou seja, pessoas da comunidade ou donos de projeto como os que já foram citados. E qual a importância de ter maior suporte para o desenvolvimento de projetos ligados à Educomunicação? Em relação à postura do Educador, Soares (2013), diz que:

O educador não tem uma mentalidade cirúrgica, na hora de entrar no laboratório com luvas para fazer exatamente aquele procedimento. Ele é um mobilizador e a ação do educador depende muito das circunstâncias, das colaborações que ele encontrar ou da capacidade dele de encontrar colaboradores para suas ações. Porque ele é um gestor de processos e a educação é uma prática que emerge da própria sociedade e que se contrapõe a outras práticas também sociais. [...] Alguém que chegue pra fazer algum tipo de trabalho que quebre essa hegemonia, naturalmente essa pessoa tem que ter muita habilidade, habilidade de dialogar com o estabelecido. Nós também defendemos o princípio de que a educação não existe na sua característica de inteireza [...].

As mídias sociais, por exemplo, são onde a grande maioria dos jovens costumam socializar e se informar. São locais onde se sentem, muitas vezes, segurança em expor suas opiniões - quando de forma saudável ou não - fazendo com que sejam vistos e debatam entre si ferramentas de cunho social e, uma das grandes vantagens do crescimento do uso das mídias sociais é o alcance. Pessoas de todo um país, e até do mundo, podem ter acesso aos conteúdos divulgados. Com mais acesso e mais audiência para conteúdos de relevância social, é possível formar cidadãos mais críticos e trazer os jovens para discussões que envolvam assuntos econômicos, políticos, educacionais etc. O que se mostra efetivamente positivo para fomentar a educação e cidadania com os jovens. Belloni (2009) discorre sobre como fazer uso desses meios de forma inteligente e aproveitar essa relação na construção do conhecimento: é necessário compreendê-los e estarmos dispostos a articular com essas relações de poder. Claro

que mídia de massa, mídias sociais e comunicação não será capaz de solucionar todos os problemas educacionais - principalmente no Brasil -, mas é um *start* para que se inicie um diálogo e empoderamento dos estudantes em relação ao seu espaço na sociedade. Ou seja, “[...] que a própria comunicação se converta no eixo vertebrador dos processos educativos, educar pela comunicação e não para a comunicação” (SOARES, 2000, p. 20).

Referências

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* 15 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

SOARES, I. de O. *Educomunicação: um campo de mediações*. Comunicação e Educação. V. 19, set-dez, 2000. USP. São Paulo. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36934>. Acesso em: 10 out. 2018.

ENTREVISTA. *O Educomunicador deve estar pronto para dialogar com o estabelecido*, diz Professor Ismar de Oliveira Soares. 2013. Curso de Licenciatura em Educomunicação: USP, São Paulo. [acesso em 20/09/2018: <https://educomusp.wordpress.com/2013/12/02/o-educomunicador-deve-estar-pronto-para-dialogar-com-o-estabelecido-diz-professor-ismar-em-entrevista-aos-estudantes-da-licenciatura/>]

SILVA, N. F. *Jornalismo Comunitário e o fortalecimento da cidadania em jovens nas periferias*. 2018. Observatório da Comunicação Institucional. São Paulo, SP. [acesso em 20/09/2018: <http://observatoriodacomunicacao.org.br/colunas/jornalismo-comunitario-e-o-fortalecimento-da-cidadania-em-jovens-nas-periferias/>]

BRANCO. A. K. A. C.; KALHIL. J. D. B. *A Educomunicação e suas contribuições na formação de professores de ciências*. 2015. Revista Tecnologias na Educação, Ano 7, nº 12. São Paulo, SP.

FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL. *Educomunicação em movimento*. Núcleo de Comunicação Comunitária São Miguel no Ar. 2012. São Paulo, SP.

Sobre a autora

Natalia Francisca da Silva é Bacharel em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo, especialista em História da Arte (Teoria e Crítica) e possui cursos e experiência profissional nas áreas de Educomunicação, Cinema Documentário, Relações com a Imprensa e Marketing de Conteúdo. Atualmente no setor de tecnologia, também escreve para a coluna Educomunicação Presente no Observatório da Comunicação Institucional, São Paulo, SP.